

RIMANCE DE*

W. J. SOLHA



A ENGENHOSA TRAGÉDIA DE

Dulcineia e Trancoso

EDITORA PENALUX

Guaratinguetá, 2018



Rua Marechal Floriano, 39 – Centro
Guaratinguetá, SP | CEP: 12500-260

penalux@editorapenalux.com.br
www.editorapenalux.com.br

EDIÇÃO: França & Gorj

CAPA E EDITORAÇÃO ELETRÔNICA: Karina Tenório

REVISÃO: Daniel Zanella

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S685e SOLHA, Waldemar José. 1941 –
A engenhosa tragédia de Dulcineia e Trancoso / W. J. Solha. –
Guaratinguetá, SP: Penalux, 2018.
98 p.: 21 cm.

ISBN: 978-85-5833-369-5

1. Ficção 2. Narrativa em versos 3. Romance experimental I. Título.
CDD.: B869.8

Índice sistemático:

1. Literatura Brasileira

Todos os direitos reservados.

A reprodução de qualquer parte desta obra só é permitida
mediante autorização expressa do autor e da Editora Penalux.

AÍ,
do alto da Pedra,
o susto de arribaçãs,
e,
de quebra,
os helicópteros Sabre,
da FAB,
que irrompem com seus soldados,
muitos do lado de fora,
armados,
e assustam a multidão,
que lembra,
pela extensão,
o êxodo bíblico
e o cíclico,
tantas vezes fotografado
por Sebastião Salgado.

Alta
e ancestral no meio do plaino,
a Pedra do Reino,
rocha dupla na vertical, no sertão pernambucano,
insufla no povo (mesmo quando se camufla em profano)
a estupenda lenda de que tem,
dentro, no centro, a catedral
na qual,
el-rey D. Sebastião, de Portugal, o Afoito,
sumido (ou abduzido) na batalha de Alcácer Quibir,
de 1578,

está por vir,
messiânico,
pra levar a fundo a retirada dos males do mundo,
cada vez mais
satânico.

E eis que lá está o autor da *Compadecida*
e do *Romance d'A Pedra do Reino*
a cavalo,
a Globo a entrevistá-lo no seu céu,
que é o Circo de Sô Leo,
entre mágicos, palhaços, malabaristas e acrobatas;
saltimbancos e trapezistas – que idolatra!

Ao fundo,
um grupo de camponeses – que passa
com suas reses – confunde-se,
dócil,
com as figuras de barro do mestre Vitalino
e as de Manuel Eudócio.

A BandNews dá ao Brasil,
em panorâmica (que deixa de lado os
helicópteros – agora meras libélulas e coleópteros)
a leva – romântica – de romeiros,
que lembra a de cangaceiros.

A BBC mostra o que mais se vê:
flagelados em paus-de-arara lotados,
que cruzam a paisagem,
em fim de viagem.

A NBC faz, sobre a água, um “Abecê” da escassez
– em hotéis, motéis, bares – restaurantes cada
vez mais abundantes, *centenas* de lupanares.

Filma – com tudo que o assunto comporte – as
romarias que vêm até ali, *sem* transporte,
além de brigas, intrigas,
vários assaltos com morte.

Entre os peregrinos a pé,
aqui e ali um pangaré.

Flagra-se a magra artesã, cadeirante marcante
que,
moldando (e fumando o quinto cigarro),
miniaturiza,
no barro,
com esperta destreza,
a Pedra – aberta – com o que nela antevê de riqueza.

Filma-se o pé-de-pau cheio gente
(principalmente crianças),
que vê a humanidade que chega – toda ansiedade,
esperanças!

A NHK,
nesse momento,
mostra as louras – do Paraná – tão musculosas
quanto as motos (poderosas) em
que chegam a um bar, reduto de jornalistas – onde,
a que mais aparece em TV e revistas
dispara o insulto maluco
– Eunuco!,

e haja fotos, matérias, pilhérias,
dando conta de que Giuliano,
– o Italiano do *Corriere dello Sport*,
transara mal,
num resort,
e escrevera (sobre ela e as outras) – numa espécie
de rebate – que não passavam de *castrati!!!*

A CBS,
doutro lado,
faz um *travelling* na caatinga,
até o *nonsense* circense
de um gargalhante Coringa.

E a Bloomberg, com verve,
segue a fumaça que passa no campo, com desenvoltura,
ganhando
altura.

Aí um helicóptero baixa, brincando, infernizando
Birko – o domador do Circo – e o caixa,
turbinas estabanando a fera e a grana da
bilheteria – que se libera – e há histeria, caos.
– Foi *maus!* – diz o piloto, escapulindo,
– Wow! – diz um turista,
rindo,
flagrando,
numa série de cliques – sensacional,
a linha interrompida, ascensional, das cédulas em espiral.

Câmeras e celulares registram tudo,
aos milhares,
inclusive a família, de Brasília, que empurra na ladeira o

carrinho de macaxeira,
até a Kombi, de um orfanato,
que exhibe,
na prateleira,
peças de artesanato,
que vão da ampulheta – *Tempo é dinheiro* –
que empilha moedas (e é um mealheiro),
à sequência,
sem dó,
da *Involução*,
em que a moça desfila, com emoção,
de – mãe, – avó, – bisavó,
tudo de argila.
Nas prateleiras
da cristaleira,
centenas de padres cíceros,
centenas de freis damiões,
ibiapinas e donizettis,
lotes de freis galvões.

O Sebo,
de João Pessoa,
põe banca – vasta e boa – das obras de mais tutano
do Ariano,
do *Auto da Compadecida* e *Farsa da Boa
Preguiça* ao *Torturas de um Coração*;
passando pelo *Santo e a Porca*, *Uma Mulher
Vestida de Sol*, *Cantam as Harpas de
Sião*,
e nem se precisa de muito treino pra ver
que *A Pedra do Reino* é o que ele mais traz
pra vender.

Pra completar – ou complementar – eis a
chegada de muita panela, gamela,
consórcio de cores e odores do restaurante Mangai,
que vai
do baião-de-dois ao sarapatel,
do mungunzá e arroz de leite à carne de sol no pastel.

No telão que ali se instala, o São Francisco
– que a hidrelétrica encurrala – tem,
suspenso,
o tenso impulso,
até que,
a custo,
vai para o vão,
onde,
então,
desfalece,
branco de susto.

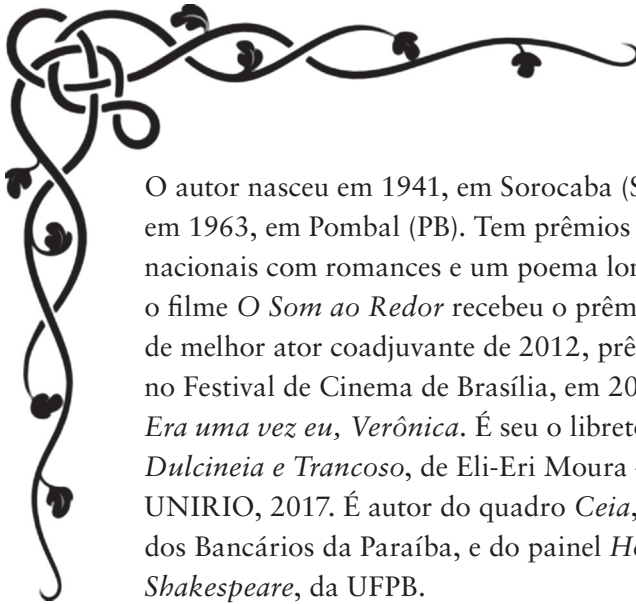
Corte pro mergulhão-do-pescoço-vermelho,
que,
dentre os de que no céu há um povoo,
para no voo,
em grande altitude,
flecha pro açude,
e ele – de dentro do espelho – flecha pra cima,
um entra n'outro, no estrago do
lago – e é fantástica, a rima.

O Ariano,
que a cavalo é um ás,
salta pra porta
dum *school bus*,

e,
cumpliciado,
aguarda,
de braços cruzados,
a primeira questão *dos folgados*.
E lá vem,
como um trem:
– Por que o título tihoso de *Engenhosa...*
Tragédia... de Dulcineia e Trancoso?
Ele,
de imediato,
ajunta:
– Por coisas como essa sua pergunta.

E,
ante o riso,
o improviso:
– Esta história,
que aqui se deslança,
é homenagem,
quase que... vassalagem...
ao...
tihoso e
ingenioso
... Quixote,
lá de La Mancha,
criação de Cervantes,
gênio, sim, sem rival (que ninguém leve a mal),
nem *adispois*,
nem antes.

Pausa
por justa causa.



O autor nasceu em 1941, em Sorocaba (SP); renasceu em 1963, em Pombal (PB). Tem prêmios literários nacionais com romances e um poema longo; e com o filme *O Som ao Redor* recebeu o prêmio Guarani de melhor ator coadjuvante de 2012, prêmio igual no Festival de Cinema de Brasília, em 2013, por *Era uma vez eu, Verônica*. É seu o libreto da ópera *Dulcineia e Trancoso*, de Eli-Eri Moura – Recife, 2009; UNIRIO, 2017. É autor do quadro *Ceia*, do Sindicato dos Bancários da Paraíba, e do painel *Homenagem a Shakespeare*, da UFPB.